

A NEUROPSICOPEDAGOGIA EM BENEFÍCIO DA LEITURA

1. ALEX SANDRO TOMAZINI
MESTRE
UNIVERSIDADE BRASIL
alextomazini@bol.com.br

2. ELISANGELA BASTOS ALVES LEITE
ESPECIALISTA EM ALFABETIZAÇÃO
FACULDADES INTEGRADAS GUARULHOS
elibalves@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo surgiu do interesse de adquirir mais conhecimentos neuropsicopedagogia e seus benefícios na alfabetização, especificamente na leitura, que não é apenas decodificar palavras ou linguagens escritas, ou até mesmo, “devorar” certa quantidade de livros, como muitas vezes, fazemos mecanicamente. Vai muito além disso, quando lemos e, não somente passamos o olho no que está escrito somos levados a viver em um mundo de fantasia, no qual, nos apropriamos da leitura. O momento da leitura deverá ser prazeroso, leitura real, sem estar mecanicamente sendo memorizada. Atualmente o trabalho com a leitura tem sido um grande desafio para educadores das séries iniciais que buscam fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente, já que esse trabalho tem a finalidade de formar leitores competentes, ou seja, leitores que compreendam o que lê e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a leitura nos fornece a matéria-prima para a escrita. Cabe à escola o papel de ensinar a criança a ler com competência e autonomia, formando cidadãos conscientes e críticos. A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola.

Palavras-chave: Alfabetização. Leitura. Neuropsicopedagogia.

1. INTRODUÇÃO

Nesse artigo abordamos a importância da leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental e analisamos como os professores podem contribuir para que as crianças se interessem pelo ato ler com a intervenção da neuropsicopedagogia.

Atualmente os educadores das séries iniciais vêm enfrentando um grande desafio ao trabalhar com a leitura, em sala de aula, já que, buscam fazer com que os alunos se tornem leitores competentes e, conseqüentemente a formação de escritores.

Com o intuito de expormos sobre a importância da leitura nas primeiras séries do Ensino Fundamental, buscamos destacar que ler vai muito além, de decodificar palavras ou linguagens, já que, a leitura vem nos acompanhando desde que nascemos. Destacamos, também, a importância do ato de ler, sendo ela interação verbal entre indivíduo e sociedade e, que o hábito de leitura pode acontecer antes mesmo do ingresso da criança na escola.

Sabe-se que a leitura deve ter como objeto de aprendizagem, assim como, a participação efetiva do professor, sendo ele mediador e motivador, o qual crie um espaço formador de leitores.

Em suma destinamos a mostrar as estratégias e compreensão leitora, no qual aborda diferentes formas de trabalhar com o ensino da leitura, permitindo aos alunos interpretar e compreender de forma autônoma os textos lidos.

2. OBJETIVO

O objetivo do trabalho é mostrar o quanto a habilidade de leitura aliado a neuropsicopedagogia é importante, não só dentro da escola, mas também, na livre participação do homem na sociedade, possibilitando ampliar o seu entendimento das coisas que o cercam e ao exercício da cidadania.

3. METODOLOGIA

Para esta pesquisa, utilizaremos como metodologia o estudo bibliográfico de livros, revistas e de artigos científicos publicados na plataforma Scielo, este estudo apresenta uma abordagem teórica, com investigação que enfatiza a descrição, a teoria fundamentada e o estudo das percepções.

4. REVISÃO DA LITERATURA

Na escola a leitura constitui também objeto de aprendizagem, sendo necessário que faça sentido para o aluno, como já citamos anteriormente, deve-se trabalhar com a diversidade de textos e de combinações entre eles.

Citando o PCN de Língua Portuguesa (1997: 41-42):

“Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não tem contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de praticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade modelos de leitores proficientes e praticas de leituras eficazes.

Essa pode ser a única oportunidade desses alunos interagirem significamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se ate ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes”.

Ainda no PCN:

“O envolvimento do aluno no processo de aprendizagem deve propiciar ao aluno encontrar sentido e funcionalidade naquilo que constitui o foco dos estudos em cada situação de sala de aula. De igual maneira, propiciar a observação e a interpretação dos aspectos da natureza, sociais e humanas, instigando a curiosidade para compreender as relações entre os fatores que podem intervir nos fenômenos e no desenvolvimento humano”.

Podemos dizer que, a leitura ensinada hoje em dia nas escolas é aquela que cada aluno lê um texto em voz alta, enquanto os outros “acompanham”, um trecho em seu próprio livro. Em seguida o professor elabora perguntas relacionadas ao conteúdo do texto. Com isso o trabalho de leitura fica restrito a uma atividade de perguntas- respostas.

Na visão de Solé (2008) essa atividade se refere neste caso, à avaliação da compreensão leitora. Quando formula perguntas sobre o texto lido, o professor obtém um balanço do produto, uma avaliação do que foi compreendido.

Entretanto, não se intervém no processo que conduz esse resultado, não se incide na evolução da leitura para proporcionar guias e diretrizes que permitam

compreendê-la; em suma - e mesmo que isso possa aparecer exagerado -, não se ensina a compreender. Devo acrescentar ainda que, embora a sequência leituras-pergunta seja a mais frequente, outros exercícios que envolvem a representação gráfica do compreendido, ou a indicação de “o que você considera mais importante... do que você gostou mais”.

Os professores não precisam necessariamente, usar sequência leitura/perguntas/exercícios, como única forma de proceder no ensino da compreensão. Solé (2008) defende que é possível ensinar aos alunos outras estratégias que propiciem a compreensão leitora e a utilização do que foi lido para múltiplas finalidades.

Os alunos devem ser motivados a ler, não somente os livros didáticos trabalhados em sala de aula. Portanto, a escola deverá valorizar o momento da leitura oferecendo e dando oportunidades para que esses alunos tenham contato com diversos tipos de materiais de leitura como jornais, histórias em quadrinhos, revistas, entre outros.

Cagliari (1997) comenta que a “escola deveria propiciar o acesso a esse tipo de material àqueles alunos que não podem tê-los em casa ou na de amigos”.

Apesar de a leitura parecer difícil, para as crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental, ler poderá trazer grandes desafios a elas, sendo a escola e o professor responsáveis por propiciarem um momento prazeroso de leitura, no qual os alunos se interessem pelo ato de ler.

Segundo Perini, (apud Zilberman e Silva, 2001) “sabemos que o material escrito que chega às mãos dos alunos se compõe essencialmente de textos didáticos. Trata-se de material que, de certa forma, apresenta para eles um interesse imediato, na medida em que lhes possibilita, em princípio, melhorar seu desempenho escolar. No entanto, é singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998:36) registram que, não se formam bons leitores oferecendo materiais empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a

gostar de ler quando, de alguma forma a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.

O trabalho de leitura, somente com o livro didático, pode não ser muito atrativo, fazendo com o s alunos pensem que não gostam de ler. Portanto, se o material que a escola dispõe ao aluno é o livro didático, este, deverá ser elaborado levando em conta a sua função alfabetizadora, portanto não somente os livros de Língua Portuguesa e, sim, os de outras disciplinas também, como de Matemática, Ciências e outros, já que são instrumentos para a aprendizagem da leitura funcional que deve ser um dever de toda a escola em geral.

Segundo Lerner (2002), cabe à escola fazer as crianças participarem de situações de leitura e da escrita, colocando ao dispor delas materiais escritos variados.

Em se tratando de leitura, não podemos nos esquecer dos próprios educadores, que também precisam gostar de ler, pois, a partir do momento que eles demonstram interesse pela leitura, farão com que, seus educandos, sejam despertados a sentirem gosto em ler e, conseqüentemente, pela escrita.

Muitos alunos não vêm a leitura como algo positivo, até mesmo, por não terem tido o hábito de ler como incentivo, pelos pais.

“O desafio é formar pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura nos oferece, dispostas a identificar-se com o semelhante ou a solidarizar-se com o diferente e capazes de apreciar a qualidade literária”. (LERNER, 2002: 28)

Os educadores, de hoje, já foram alunos que, também, tiveram uma leitura imposta como obrigação, em seu âmbito escolar, repetindo para seus educandos, a mesma visão, negativa, de leitura que tiveram em sua formação.

E, ao chegar aos cursos de Pedagogia, por exemplo, os futuros professores tiveram pouco espaço para a discussão e aprendizagem de teorias relacionadas à leitura.

Há, também, o fato de poucos cursos de formação de professores trabalharem com a leitura, faltando o embasamento teórico, de que esses educadores precisam para ensinarem os seus alunos a lerem.

Para SILVA (1998: 70):

“Se o quadro geral de formação de professores nestes últimos tempos pode ser qualificado de fraco, a sua preparação prévia para o encaminhamento da leitura na escola pode ser considerada fraquíssima ou simplesmente nula”.

Portanto, se esses educadores não tiveram esse embasamento teórico, nos cursos de formação, cabe a eles interessar-se em ir buscar tais subsídios teóricos, buscar entender como se dá o processo de aprendizagem da leitura e, como ela poderá ser trabalhada com seus alunos.

Devido à correria do dia-a-dia, muitos professores se acham impedidos de parar para estarem realizando uma boa leitura. O professor é tido como exemplo, para os seus alunos que, por sua vez, tendem a imitá-lo. Se um professor não gosta de ler, seus alunos, também, não irão gostar.

Segundo o PCN de Língua Portuguesa (1997: 44):

“Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também”.

É importante que o professor participe ativamente do momento de leitura, fazendo-a, em voz alta, juntamente com seus alunos. Apesar dos educadores serem modelos para os alunos que mais precisam de ajuda, no momento da aprendizagem, essa prática tem acontecido, cada vez menos em sala de aula.

Professores e alunos, que de fato lêem, enriquecem o ensino. Segundo Silva, “professores e alunos precisam ler porque a leitura é um componente básico da

educação e a educação sendo um processo, aponta, para a necessidade de buscas constantes do conhecimento”.

Ambígua por natureza, a escola é responsável também pela expansão do acesso ao conhecimento ao mesmo tempo em que pode contribuir para o fortalecimento de saber restrito para poucos, afirma Bordieu (1998).

O educador precisa refletir, constantemente, sobre a sua prática na formação do aluno leitor, na sua prática de ensino-aprendizagem, pois como afirma Freire (2007), “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Partindo da teoria de Ferreiro (2000), a prática de cada professor (a) pode variar de acordo com a sua experiência e com os princípios que norteiam seu trabalho. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, cabe ao profissional dominar uma teoria e acreditar em sua capacidade de desenvolver um bom trabalho. Para isso, é necessário que conheça diferentes maneiras de se trabalhar de forma agradável com linguagem oral e escrita, favorecendo o avanço do aluno de um nível de aprendizagem a outro.

Em relação à prática de cada professor, mencionada na teoria de Ferreiro (2000), Meirelles (2000: 22-23) confirma que:

“Toda teoria pedagógica será estéril se não for viabilizada na prática, e os recursos e procedimentos poderão ser o grande veículo norteador da estruturação de uma atividade desenvolvida na sala de aula”.

Seria interessante, como prática pedagógica e incentivo à leitura, que o professor crie um espaço formador de leitores, ou seja, uma biblioteca, viabilizando livros e materiais impressos diversificados, com um espaço físico e organizado, no qual os alunos possam se envolver e adquirir gosto pela leitura. De acordo com o PCN (1998:48):

“Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura — que não se restringem apenas aos recursos materiais

disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura”.

O PCN sugere algumas dessas condições:

- dispor de uma boa biblioteca na escola;
- dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia.

Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também;

- planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;
- possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras. Fora da escola, o autor, a obra ou o gênero são decisões do leitor. Tanto quanto for possível, é necessário que isso se preserve na escola;
- garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura com perguntas sobre o que estão achando, se estão entendendo e outras questões;
- possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura junto com outras pessoas da casa — principalmente quando se trata de histórias tradicionais já conhecidas;
- quando houver oportunidade de sugerir títulos para serem adquiridos pelos alunos, optar sempre pela variedade: é infinitamente mais interessante que haja na classe, por exemplo, 35 diferentes livros — o que já compõe uma biblioteca de classe — do que 35 livros iguais. No primeiro caso, o aluno tem oportunidade de ler 35 títulos, no segundo apenas um;

- construir na escola uma política de formação de leitores na qual todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar.

Além das condições descritas acima, o PCN também nos sugere trabalhos com os alunos, que podem servir de referência para a geração de outras propostas, como:

- **Leitura diária**

O trabalho com leitura deve ser diário. Há inúmeras possibilidades para isso, pois a leitura pode ser realizada de forma silenciosa, individualmente, em voz alta (individualmente ou em grupo) quando fizer sentido dentro da atividade e pela escuta de alguém que lê.

No entanto, alguns cuidados são necessários como os enumerados abaixo:

1. toda proposta de leitura em voz alta precisa fazer sentido dentro da atividade na qual se insere e o aluno deve sempre poder ler o texto silenciosamente, com antecedência — uma ou várias vezes;
2. nos casos em que há diferentes interpretações para um mesmo texto e faz-se necessário negociar o significado (validar interpretações), essa negociação precisa ser fruto da compreensão do grupo e produzir-se pela argumentação dos alunos. Ao professor cabe orientar a discussão, posicionando-se apenas quando necessário;
3. ao propor atividades de leitura convém sempre explicitar os objetivos e preparar os alunos. É interessante, por exemplo, dar conhecimento do assunto previamente, fazer com que os alunos levantem hipóteses sobre o tema a partir do título, oferecer informações que situem a leitura, criar certo suspense quando for o caso, etc.;
4. é necessário refletir com os alunos sobre as diferentes modalidades de leitura e os procedimentos que elas requerem do leitor. São coisas muito diferentes ler para se divertir, ler para escrever, ler para estudar, ler para descobrir o que deve ser feito, ler buscando identificar a

intenção do escritor, ler para revisar. É completamente diferente ler em busca de significado — a leitura, de um modo geral — e ler em busca de inadequações e erros — a leitura para revisar. Esse é um procedimento especializado que precisa ser ensinado em todas as séries, variando apenas o grau de aprofundamento em função da capacidade dos alunos.

- **Leitura colaborativa**

A leitura colaborativa é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas lingüísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos. Trata-se, portanto, de uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores. É particularmente importante que os alunos envolvidos na atividade possam explicitar para os seus parceiros os procedimentos que utilizam para atribuir sentido ao texto: como e por quais pistas lingüísticas lhes foi possível realizar tais ou quais inferências, antecipar determinados acontecimentos, validar antecipações feitas, etc. A possibilidade de interrogar o texto, a diferenciação entre realidade e ficção, a identificação de elementos discriminatórios e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado, a inferência sobre a intencionalidade do autor, são alguns dos aspectos dos conteúdos relacionados à compreensão de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito a contribuir.

Segundo Giasson (2005), as condições psicológicas, sociais e físicas do leitor afetam a compreensão do que é lido. No processo de ensino, é importante considerar variáveis como o interesse do leitor pelo assunto, a motivação para a leitura e os objetivos de leitura (para quê lê?). Assim nos afirmam Gibson e Levin (1985):

“A leitura constitui um processo adaptativo e flexível que varia de acordo com os tipos de textos e os objetivos do leitor. Dado que não existe apenas um processo de leitura, não pode existir também apenas um modelo de leitura” (438).

Quando lemos, transportamos e ativamos um conjunto de conhecimentos, interesses e expectativas que, irá ativar os processos e estratégias disponíveis.

Ao iniciar a aprendizagem de leitura a criança necessita de um reforço positivo por essa atividade, por isso, é muito importante que ela tenha o apoio e incentivo de mediadores como pais e professores que, podem auxiliar no progresso da compreensão leitora. À medida que a leitura da criança for progredindo, os mediadores poderão valorizar esses pequenos progressos, nos quais estarão ajudando os pequenos leitores a interessarem-se mais pela leitura.

Quanto ao compreender o texto, deve-se a forma de como o leitor através de suas atitudes interagem no texto, através de seus conteúdos, ou seja, o texto como uma percepção, de um panorama no qual os significados são atribuídos, entende-se que ao leitor não basta decodificar as representações indicadas por sinais e signos, o leitor que realmente venha a fazer a compreensão do texto, deve pautar-se de forma a transformá-lo e transformar-se.

Durante a leitura de um texto é importante que o leitor consiga perceber as informações que estão implícitas nele, já que, é necessário que informações sejam ativadas, quando buscamos compreender e, não apenas decodificar um texto. Se o leitor for capaz de atingir um nível acima da leitura de codificação, ele perceberá facilmente as várias pistas que o autor insere na superfície do texto.

Existe hoje consenso de que a compreensão é um processo mais complexo que envolve a forma como o leitor se conecta com o texto. É um processo de pensamento, ou seja, de interação com o texto pela utilização de estratégias de previsão, auto-questionamento, estabelecimento de relações, identificações da função das palavras, controle, resumo, e avaliação.

A compreensão e a leitura evoluem ao longo do desenvolvimento da criança e relacionam-se com a compreensão de outras informações que a criança obtém através de outros sistemas de comunicação além da escrita. A compreensão da informação linguística depende do desenvolvimento das capacidades cognitivas para relacionar, processar e reorganizar informações, mas depende igualmente do nível dos conhecimentos prévios.

Segundo Solé (2008), a compreensão da leitura depende dos conhecimentos prévios, dos objetivos da leitura e da motivação. Na leitura ativamos esses conhecimentos prévios e estabelecemos relações entre o texto e o que já sabemos.

No contexto escolar, em grande parte a leitura é uma atividade que acontece sem objetivos claros ou apenas como pretexto para outras atividades como cópias, resumo, estudo da gramática e outros.

Quando a leitura envolve a compreensão ela torna-se um instrumento útil para aprendizagem significativa. O leitor que compreende o que lê, está aprendendo, mesmo que de forma não intencional, os professores têm uma tarefa importante de ensinar os alunos a compreender a partir da leitura. Dessa forma, estarão contribuindo para que possam aprender a aprender de forma autônoma nas variadas situações.

Segundo Braga e Silvestre (2009), afirmam que para formar um leitor e um produtor de texto competente e autônomo, capaz de compreender e interpretar aquilo que lê, construir significado e transformá-los em palavras, exige-se do professor uma intervenção adequada, continuada e explícita durante toda a vida escolar do aluno. E essa intervenção precisa ocorrer de forma consciente e sistemática antes, durante e depois das atividades de leitura.

Portanto, se a educação nas escolas brasileiras fosse tomada por um projeto, que entendesse a importância das mensagens escritas e do ato de ler, deixariam de ser meio conteúdo informativo para se transformar no “pretexto”, que daria condição para formar a consciência crítica. Porém o que se percebe nas aulas e nas diversas disciplinas.

Segundo Silva e Carbonari (1998), é uma ausência de situações de leitura enquanto atividade de produção e construção de sentido essa falta de problematização dos textos parece ser excessivamente generalizada que são concebidas de formas errôneas.

Essas formas consideradas errôneas, e designadas através da leitura pressuposta no qual a oralização do texto torna-se mecânica, ou seja, o professor orienta seu aluno apenas com relação à dicção, entonação, pronúncia, ritmo e dessa forma ocorre o prejuízo da significação. Em relação à pessoa que lê oralmente, sua determinação está diretamente vinculada à orientação do professor, quando não o faz espontaneamente é pela indicação. Existe também a leitura feita em coro, que

geralmente é utilizada como meio de controle disciplinar ou preenchimento de tempo.

Mediante a todas essas formas de leitura é importante ressaltar:

“Não se pretende aqui negar o valor da estratégia de leitura oral. A verbalização do texto é importante para que se consiga uma leitura fluente e o treino desta habilidade é também papel da escola. No entanto é preciso estar atento para que o ato de ler vá além da simples verbalização. Essa estratégia deve ser entendida não na sua especificidade, mas enquanto parte de um conjunto de procedimentos que poderão conduzir o aluno a uma leitura crítica do texto”. (Silva e Carbonari, 1998:109).

Iremos fazer referência, a outros dois fatores que são obstáculos para que a escola forme sujeitos leitores, que saibam interpretar o sentido mais amplo dos textos e conseqüentemente produtores de bons textos:

Um deles é o livro didático, muitas vezes segundo Magnina, (1989), “apresentam ao professor respostas prontas (muitas vezes errada), cristalizando um estereótipo de aula e tornando professores e alunos tarefeiros do autor e do livro em fetiche”.

Nesse sentido, os textos do livro didático não devem cansar os alunos, por isso, facilitam as organizações das aulas para o professor. Os textos não podem ser longos, então, fica impossível encontrar um texto integral nesses livros e o autor lança mão de fragmentos e adaptações (muitas vezes sem citar o original).

Outro fator que está bem evidente na instituição escolar é a cópia em sala de aula mostrando um descompasso existente entre a escola, que ainda se utiliza dessa prática que é obsoleta e a realidade do aluno, a qual se mostra muito à frente dessa instituição, a cópia só proporcionará algo significativo enquanto recurso pedagógico.

Segundo Silva e Carbonari (1998), se o professor tiver clareza do objetivo que o professor quer atingir com ela citam como exemplo a aprendizagem de uma língua estrangeira (e até materna), permitindo uma melhor memorização de palavras escritas, auxiliando na leitura e produção de textos, se acompanhada de atenção por parte do aluno. Porém, se não tiver um fim específico se constitui numa prática ineficaz mera atividade que será incorporada a um padrão ritualístico de aula.

Esse padrão ritualístico de aula, é contraditório com a dinâmica da realidade do educando que vive num contexto em que as formas de comunicação, têm poder de massificação principalmente pela televisão. O professor só poderá combatê-la se houver a aprendizagem eficiente da leitura.

Segundo Silva (1981), “mesmo com a presença marcante de outros meios de comunicação, o livro permanece como o veículo mais importante para a criança, transmissão e transformação da cultura”.

Portanto é dever da escola que todos que ingressem nela, sejam pessoas que quando necessário, possam valer-se da escrita com adequação, tranquilidade e autonomia. Para isso, é preciso que os professores trabalhem construtivamente os erros, isto é, criem situações de contato, exploração, reflexão sobre a produção de textos que permitam aos alunos aperfeiçoar seu aprendizado aproveitando ao máximo suas possibilidades.

O que se percebe hoje nas salas de aula, é que os professores entendem que o conteúdo, dissociado, propondo a hora de análise sintática a hora da compreensão de textos com a esperança de que em algum momento futuro, todos esses saberes se organizem por si só na cabeça dos alunos que se transformarão, em bons leitores e razoáveis produtores de textos; se a ação do professor for dessa forma errônea e dissociada, só irá ensiná-lo, mas nunca em um bom produtor de textos.

Mediante esta constatação errônea de trabalhar os conteúdos os professores tiveram como base para desenvolver um trabalho mais adequado as seguintes contribuições:

“Os professores contaram com a contribuição de certas noções provenientes da lingüística textual que foram muito úteis para que seus alunos lessem e escrevessem melhor. Estamos nos referindo entre outros, aspectos tais como as regras de coesão, estratégias que convertem uma série de orações em um texto, e as relações endofóricas que permitiram advertir que, muitas vezes, as dificuldades na compreensão do texto não eram devidas somente ao conhecimento do significado de algumas palavras ou de outros dados do contexto mas sim o fato de não perceber a relação existente entre diferentes partes de um texto”.(Kaufman e Rodrigues, 1995:7).

Outro aspecto que deve ser essencial para que o aluno seja leitor, conseqüentemente interprete um texto e seja um bom produtor de texto, é que se trabalhe com leituras ecléticas e textos estéticos, que proporciona ao aluno preencher a informação que falta para construir o sentido, fazendo a interpretação coerente através do texto e com seus conhecimentos prévios do mundo, além de exigir que o leitor compartilhe do jogo da imaginação para o sentido das coisas não ditas de ações inexplicáveis, de sentimento não expressos.

A compreensão e a leitura evoluem ao longo do desenvolvimento da criança e relacionam-se com a compreensão de outras informações que a criança obtém através de outros sistemas de comunicação além da escrita. A compreensão da informação linguística depende do desenvolvimento das capacidades cognitivas para relacionar, processar e reorganizar informações, mas depende igualmente do nível dos conhecimentos prévios.

Segundo Solé (2008), a compreensão da leitura depende dos conhecimentos prévios, dos objetivos da leitura e da motivação. Na leitura ativamos esses conhecimentos prévios e estabelecemos relações entre o texto e o que já sabemos.

As estratégias fundamentais são: definição dos objetivos da leitura, atualização de conhecimento prévio, previsão, inferência e resumo. É um ensino que parte de uma perspectiva construtivista.

São eles que guiam a leitura às estratégias que utilizamos na compreensão do texto e o controle que exercemos sobre esta compreensão.

No contexto escolar, em grande parte a leitura é uma atividade que acontece sem objetivos claros ou apenas como pretexto para outras atividades como cópias, resumo, estudo da gramática e outros.

Quando a leitura envolve a compreensão ela torna-se um instrumento útil para aprendizagem significativa. O leitor que compreende o que lê, está aprendendo, mesmo que de forma não intencional, os professores têm uma tarefa importante de ensinar os alunos a compreender a partir da leitura. Dessa forma, estarão contribuindo para que possam aprender a aprender de forma autônoma nas variadas situações.

Segundo Braga e Silvestre (2009), afirmam que para formar um leitor e um produtor de texto competente e autônomo, capaz de compreender e interpretar aquilo que lê, construir significado e transformá-los em palavras, exige-se do professor uma intervenção adequada, continuada e explícita durante toda a vida escolar do aluno. E essa intervenção precisa ocorrer de forma consciente e sistemática antes, durante e depois das atividades de leitura.

A escola, ou seja, os agentes que compõe para fazer sujeitos leitores, que compreendam o mundo e saibam se inserir nele de forma crítica e reflexiva, terá que ter um olhar reflexivo em relação ao aluno e entender que o aluno terá que adquirir novas informações decorrentes de leituras ecléticas para que possa se tornar investigador de diálogos mais frequentes e de comunicação mais autêntica.

Para tanto, é necessário que os professores abandonem os livros didáticos que não garantem uma leitura crítica e transformadora da realidade que, levam o aluno a construir respostas desnecessárias, reproduzindo literalmente partes do texto. Outro aspecto negativo é a presença da má utilização da cópia e da leitura, que só contribuem para escolarização e não preparam seus alunos pra fazerem uma leitura de mundo de forma consciente e crítica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos concluir neste artigo que a leitura é um processo que nos acompanha por toda a vida. Contudo o ensino da leitura, desde os primeiros anos das séries iniciais, poderá contribuir para a formação de leitores competentes. No desenvolvimento deste artigo observamos que o ensino da leitura, ainda, é visto como um grande desafio para os educadores, porém, não é algo impossível de ser trabalho.

Acreditamos que novas estratégias surgirão para auxiliarem educadores e educandos no processo de ensino e aprendizagem da leitura. Acreditamos, também, que a leitura nas séries iniciais é muito importante para a maturidade cognitiva e para o desenvolvimento educativo.

Sugerimos, portanto, que mais e mais pessoas se interessem pelo ato de ler, não somente dentro da escola, pois a leitura está em toda parte, presente na vida de todo cidadão.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.

BASTOS, Sílvia Aparecida. **A leitura e a escrita em pleno Brasil Colonial**. São Paulo, Brasiliense: 1982.

BORTONE, Marcia Elizabeth. **A construção da Leitura 1**. Brasília: Centro de Formação continuada de Professores da Universidade de Brasília – CFORM/UnB: Secretária de Educação Básica – MEC/SEB, 2004.

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. **Construir o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula**. 3ed São Paulo: Global, 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, Introdução: Brasília. 1997.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo, Scipione, 1992.

Currículo do Estado de São Paulo: **Ciências Humanas suas tecnologias** / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Nilson José Machado. – São Paulo: SEE, 2010.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

FOUCAMBERT, J.A. **leitura em questão**/trad. Magne, B.C Porto alegre: Artes médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler (em três artigos que se completam)**. São Paulo, Autores Associados/Cortez, 1994.

——— **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

KAUFMAN, A.M. e Rodrigues, M.H. trad Rodrigues, **Escola, leitura e produção de textos**. Artes Médicas. Porto Alegre, 1995.

LAJOLO, M, **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática S.A. 1993.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LURIA, A. R. **O desenvolvimento da escrita na criança**. In: VIGOTSKY, Lev Semenovich et al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone/USP, 1988.

MAGNANI, M.R. M, **Leitura/ Literatura e escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARTINS, M.H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MOLINA, Olga. **Ler para aprender: desenvolvimento de habilidades de estudo**. São Paulo: E.P.U., 1992.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 7. ed. São Paulo, Cortez, 2006.

Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua portuguesa. Brasília: 1998

PERINI, M. A. A leitura funcional e a dupla função do texto didático. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. **Leitura perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R.(orgs). **A criança e o livro: Guia prático de estímulo à leitura**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 32º ed. Campinas, São Paulo: Autores associados, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da Silva. **Criticidade e Leitura**: ensaios. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento: um Tema em Três Gêneros**, Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TEBEROSKY, Ana, COLOMER, Teresa. **Aprender a Ler e a Escrever - uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed. 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.